

**Apresentação:
Crise da verdade e crítica da pós-verdade**

Sergio Hugo Menna

Jean: –*Oh, um rinoceronte!*

Garçõnete: –*Oh, um rinoceronte!*

A comerciante: –*Oh, um rinoceronte! Vem ver depressa, um rinoceronte!*

O comerciante: –*Oh, um rinoceronte!*

O lógico: –*Um rinoceronte, a toda velocidade, na calçada da frente!*

Eugène Ionesco, *O Rinoceronte*, 1º Ato

As mais profundas questões filosóficas não estão isoladas; elas estão no centro de nossas preocupações culturais mais amplas. [...] Em um mundo onde as coisas se movem tão rápido a ponto do real ser difícil de distinguir do virtual, entender a verdade parece mais relevante do que nunca.

Michael Lynch, 2001: XI

Olhar para telas talvez possa ser inevitável, mas o mundo bidimensional faz pouco sentido se não recorremos a um arsenal mental formado em outro lugar. Quando repetimos as mesmas palavras e frases que aparecem nos meios de comunicação diários, aceitamos a ausência de um quadro referencial maior. Dispor desse quadro referencial exige mais conceitos, e ter mais conceitos exige leitura. Por isso, afaste as telas de sua vida e cerque-se de livros.

Timothy Snyder, 2017: IX

Prezadas e prezados: boas notícias! (Mesmo em um mal ano).

Temos à nossa frente um novo Dossiê de *O Manguenzal – Revista de filosofia*. Bem-vindos!

O presente volume reúne textos de alunos do Programa de Graduação em Filosofia e de alunos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. A todos eles, agradecemos por suas valiosas colaborações.

O ponto de confluência de todos os artigos são o conceito de verdade – sem dúvida um dos mais profundos problemas filosóficos da antiguidade – e o conceito de pós-verdade – talvez o mais interdisciplinar novo problema filosófico da contemporaneidade.

Os artigos são claros e autoexplicativos. Porém, a título de introdução, dedicaremos umas poucas páginas a explicar esses conceitos e, principalmente, a explicitar os problemas filosóficos e vivenciais que surgem do embate entre os cenários de verdade e de pós-verdade.

Verdade e pós-verdade

Segundo muitos analistas, nos encontramos na ‘era’ ou na ‘época’ ‘da pós-verdade’, época caracterizada, entre outras coisas, pelo excesso de informação – e de desinformação –, pela globalização que arrasa identidades, pelas redes sociais que potencializam as notícias falsas e modelam tendenciosamente as emoções, pelos aplicativos que nos levam a fechar-nos em bolhas cognitivas seletivas e pela revolução das técnicas de comunicação e controle que usufruem dos pontos cegos dos vieses cognitivos humanos. Também, pela perda de confiança nas Instituições e nos especialistas, pela desvalorização do conhecimento, pela politização da ciência, pela manipulação política da informação, pelo negacionismo institucionalizado, pelo pós-modernismo e o relativismo filosófico que corroem a noção de verdade e pela descrença generalizada que beira o cinismo niilista. Uma tormenta perfeita que leva a impor um abandono progressivo da razão e da verdade.

Não é um cenário nem agradável nem desejável.

‘Pós-verdade’ é, possivelmente, um neologismo com o qual todos estamos familiarizados. Termo do ano em 2016, ‘pós-verdade’ foi definido pelo *Dicionário Oxford* como forma abreviada para “Circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (*Oxford Dictionaries*, 2016). Paralelamente, o *Diccionario de la lengua española* anunciou que adotaria esse termo com a seguinte definição: “Pós-verdade [é] toda informação ou afirmação que não se baseia em fatos objetivos, mas que recorre às emoções, crenças ou desejos do público” (*RAE*, 2017).

Em um contexto de pós-verdade, os fatos objetivos – o velho farol que orientava em direção à verdade – *têm menos influência* na formação de crenças (pessoais e públicas) do que as emoções e os desejos. Por isso, podemos concordar com o jornal *The Economist* em que o termo ‘pós-verdade’ capta o núcleo de uma novidade: descreve uma época em que “a verdade não é falsificada ou recusada, mas é considerada *de importância secundária*” (grifo meu). Em outras palavras, no contexto da pós-verdade, ninguém interessado em defender uma ideia específica na qual acredita se dá ao trabalho de questionar a verdade (ou de atacar os fatos que funcionam como sinal de sua presença): simplesmente, a deforma ou a ignora. Na pós-verdade política, especifica o jornal, as pessoas confiam “em afirmações que *‘se sentem* como verdadeiras’, mas que não têm base nos fatos” (*The Economist*, 10/09/2016; grifo meu).

Como vemos, as definições de pós-verdade acentuam o contraste entre duas formas radicalmente diferentes de formar e adotar crenças:

- (i) Por um lado, a atenção aos clássicos fatos ou evidências, elementos epistêmicos que, para o raciocínio crítico em geral e o pensamento filosófico em particular, funcionam como indícios da verdade.
- (ii) Por outro lado, a influência de elementos subjetivos como os desejos e as emoções, ou de elementos arbitrários (ou circulares) como a própria crença na crença.

Poderíamos dizer que o caminho da verdade é transitado por procedimentos para avaliar crenças como o método ‘crítico’ (seja ‘científico’, seja ‘filosófico’); a tradição (crítica); os especialistas; a experiência, a razão, a argumentação, o *lógos*...

Em contraposição, poderíamos dizer que o caminho da pós-verdade é transitado por procedimentos para fixar crenças como a revelação, a autoridade, a tradição (acrítica), a fé; a intuição, a persuasão, o pensamento mágico; os gurus, os influenciadores, o mito...

Para o pensamento filosófico e o raciocínio crítico as evidências, estruturadas em argumentos, constituem o melhor (o *único*?) guia para a verdade. Por isso, a pós-verdade nos deixa diante de um novo cenário em que os antigos e clássicos valores – bondade, beleza, igualdade, liberdade, democracia etc. – perdem o seu vínculo com a verdade *e, com ela*, todo o seu suporte epistêmico.

Como vemos, um cenário de pós-verdade desloca, inevitavelmente, o problema da verdade de seu núcleo prioritariamente epistêmico a novos e inesperados núcleos temáticos: político, ético, psicológico, sociológico... Sem fatos objetivos para opor aos relatos arbitrários dos manipuladores de plantão, a crítica política se converte em mais um relato; sem verdades com as quais alimentar o diálogo democrático, o próprio diálogo perde seu caráter humanizador e se converte em uma expressão emotiva vazia de conteúdo cognitivo. Por isso, alguns autores defendem que “A verdade [...] é de urgente importância tanto para a vida pessoal quanto para a vida política” (cf. por exemplo, LYNCH, 2004: 9). Quando abandonamos os fatos e nos distanciamos da esfera pública, debilitamos nossa conexão com a realidade e, como consequência, nos adentramos em um âmbito de aparência e de alienação. Por isso, no atual cenário de pós-verdade, podemos coincidir com Epicteto em que “A luta [pela verdade] não é por algo banal, mas por ficar louco ou não” (fr. 28, *apud* MARCO AURÉLIO, [c. 180]: XI.38). Quando a verdade, o *lógos* que a reconhece e os argumentos que a sustentam são debilitados pela proliferação de mentiras, pelo negacionismo e pelas teorias da conspiração, a retórica fascista “substitui a verdade pelo poder [e] o debate fundamentado por medo e raiva” (Stanley 2018: 57). Desse modo, poderíamos dizer que as circunstâncias que possibilitam um cenário de pós-verdade também possibilitam um cenário de pós-democracia e pré-fascismo (cf., respectivamente, CROUCH, 2004: I e SNYDER, 2017: X).

Verdade e democracia caminham juntas; pós-verdade e fascismo também. Lembremos, a esse respeito, o alerta de Hanna Arendt: “O súdito ideal do governo totalitário [é] aquele para quem já não existe a diferença *entre o fato e a ficção* (isto é, a realidade da experiência) e a diferença *entre o verdadeiro e o falso* (isto é, os critérios do pensamento)” ([1949]: 526; grifo meu). Eugène Ionesco, em sua obra *O rinoceronte*, escolheu o rinoceronte para representar essa figura dramática – i.e., o súdito ideal do governo totalitário, aquele cuja própria confusão o leva a se aferrar às primitivas promessas do relato fascista. Os rinocerontes são o produto radical dos cenários de pós-verdade. A escolha do animal por parte de Ionesco, acho, é perfeita, já que o rinoceronte, além de ser míope e não enxergar adequadamente a realidade, concentra em seu aspecto muito de bobino e tudo de brutal. A máxima estupidez e a máxima violência, a total rusticidade unida à mais crua bestialidade. Apesar do impacto da metáfora, a lição que emana da peça de Ionesco para os leitores é ainda mais aterradora do que os eventos totalitários que ele enfrentou em sua Romênia natal: abandonando o ideal de verdade, todos podemos nos converter em rinocerontes; não é só mais uma assustadora história que nos chega do país do Drácula. Os rinocerontes se sentiram à vontade na longa e obscura Idade Média e no tétrico período de entreguerra do século XX. Hoje, retornam com força para nos assombrar. Já temos um deles na capa da nossa Revista.

Bibliografia utilizada

- ARENDRT, Hanna, [1949], *Origens do totalitarismo*, Companhia das Letras, S.P., 2000.
- ARIAS MALDONADO, Manuel, 2017, “Informe sobre ciegos: Genealogía de la posverdad”, en J. Ibáñez Fanés (ed.), 2017.
- CROUCH, Colin, 2004, *Post-Democracy*, Polity Press, Cambridge.
- FLICHTENTREI, Daniel 2017, “Posverdad: la ciencia y sus demonios”, *Cerebro clínico*, 02/05/2017.
- IBÁÑEZ FANÉS, Jordi (ed.), 2017, *En la era de la posverdad*, Calambur, Barcelona.
- IONESCO, Eugène, [1960], *O rinoceronte*, Agir, R.J., 1962.
- LYNCH, Michael 2004, *True to Life: Why Truth Matters*, MIT Press, Cambridge.
- MARCO AURÉLIO, [C. 180], *Meditaciones*, Gredos, Madrid, 1977.
- SARTORI, Giovanni, 1998, *Homo videns: La sociedad teledirigida*, Taurus, Bs.As.
- STANLEY, Jason, 2018, *Como funciona o fascismo*, L&PM, Porto Alegre.
- SNYDER, Timothy, 2017, *Sobre a Tirania: Vinte lições do século XX para o presente*, Companhia das letras, S.P.